

De como se realizavam os dançarás nos séculos XVIII a XX

(Mário Ypiranga Monteiro)



São escassas as informações de que dispomos para uma digestão melhor sobre o tema marginado. São mesmo raras, limitando-se a poucas linhas e sem ilustrações alusivas. Já observamos antes que os viajantes exploradores, e mesmo os raros turistas pouca importância davam a certos traços culturais da região, inclinando-se mais para a ciência e para alguns costumes puramente indígenas, como a linguagem, e uma que outra festa ritualística. Talvez por não haver ainda muitos entendidos em teoria musical. Não me admira essa circunstância, sabido que a colonização portuguesa na Amazônia Ocidental pelo menos, foi um fracasso, visto que os colonos eram da pior qualidade intelectual, geralmente labregos analfabetos. Absorviam rapidamente a cultura indígena, inclusive a língua, não implantando de volta os hábitos e costumes superiores. Somente depois da atuação de Mendonça Furtado como governador da Capitania de São José do Rio Negro, proibindo o uso e o abuso da língua tupi na catequese e nas outras relações individuais e coletivas é que começam a surgir novidades nas áreas de costumes europeus, do tipo movelaria, rouparia, comedorias e bebedorias, divertimentos do tipo danças, instrumentos musicais europeus de cambulhada com os aerófonos e membranófonos nativos. A coreografia era ainda muito monótona, pois que o indígena não dança de par, embora algumas danças exijam acasalamento lateral. A dança universal portuguesa, o “bira” (vira) não teve a menor influência local, limitando-se, quando muito, já no século XX, às festas chamadas “do Luso”, no campo desse clube, e isto hoje nem mais existe.

Podemos encontrar no livro de madame Elizabeth Agassiz (*Viagem ao Brasil*) uma referência passageira aos bailes oficiais na região da lagoa Janauari, e aqui alguns indicativos de festas dançantes proporcionadas pelo governo em Palácio ou no edifício dos Educandos Artífices. Essas distrações não são citadas nos relatórios presidenciais, são da exclusiva iniciativa dos autores que perustraram a região.

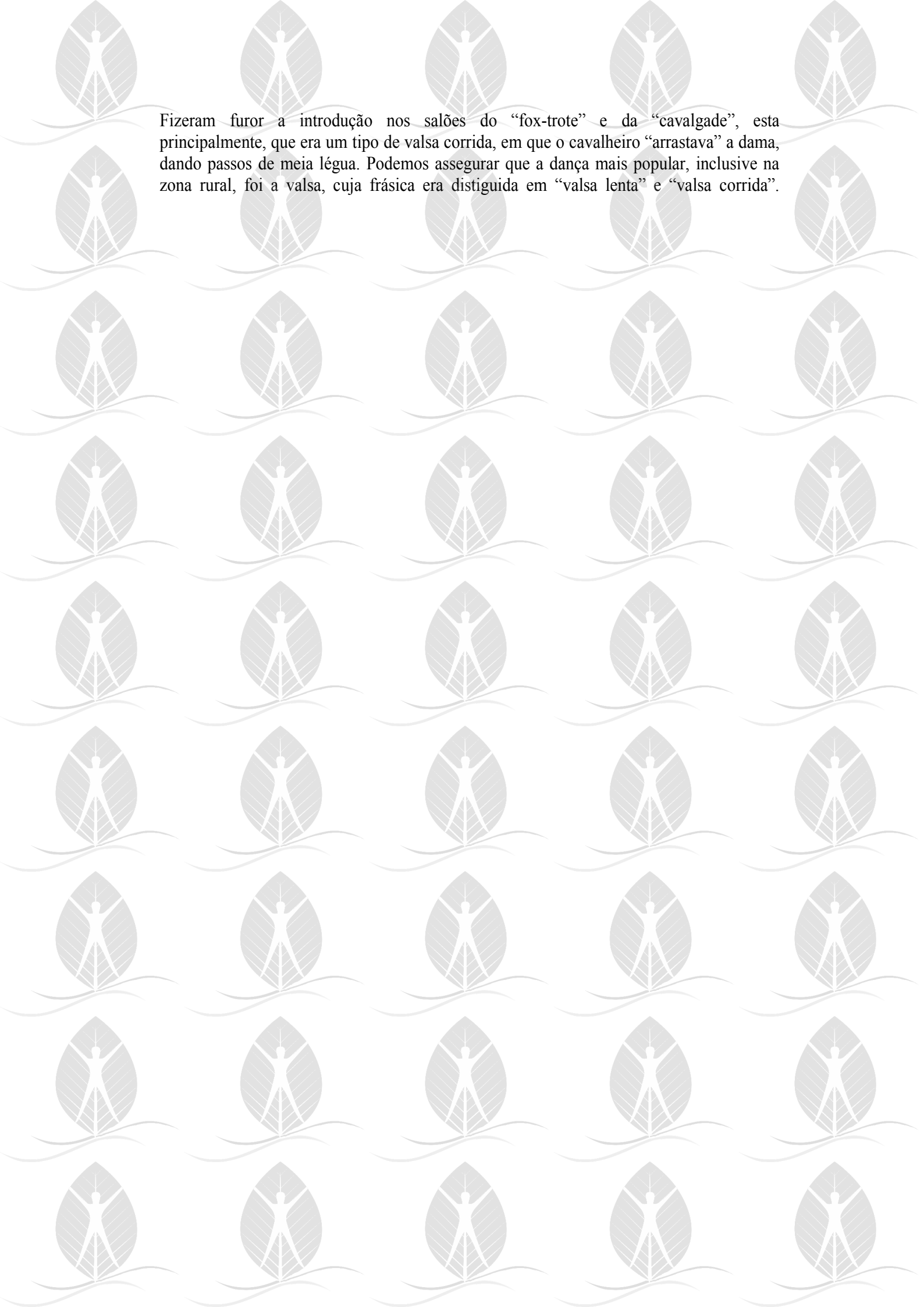
Do interior existem rápidos informes de viajantes que residiram muito tempo (de dois a quinze anos) e poderiam oferecer melhores explicações sobre diversões familiares e não o fizeram, ou tangeram o tema de raspão. O cientista Henry Walter Bates (*O naturalista no rio Amazonas*, II: 11) discreteia sobre o que se cantava nas festas, mas não apresenta textos musicais e letras. Sua observação, mesmo medíocre, basta para entender e ajuizar que àquele tempo (meado do século XIX) já se explorava o gênero “modinhas”. Diz ele, sumariamente: “as baladas cantadas com acompanhamento de violão não eram aprendidas de música escrita ou impressa, mas ensinadas oralmente de um amigo a outro. Nunca se falava delas como cantos, mas se chamavam modinhas, cada qual tendo seu dia, dando lugar à próxima favorita trazida da capital por algum rapaz”.

Achamos que a palavra “dia” está fora do conceito “tempo”, moda, pois não era possível que se sucedesse tão brevemente a aquisição de novas peças. É naquela altura (depois de 1840) que apareceram as pianolas e cravos, mas já existiam as marimbas africanas e os tumbutus indígenas com o celebrado cavaquinho, este fabricado pelo caboclo. Não omitiu Bates nem as festas de carnaval nem as de São João e outras, conceituando ser o natural um grande explorador dos dias festivos santificados ou pagãos.

O cientista bávaro Karl Felipe Von Martius também alude às festas e publicou a letra da “dança do peixe” (mais tarde conhecida e dançada como “Jacundá”), originária de Manaus segundo a opinião de José Veríssimo, o excelente apontador paraense de costumes e hábitos do seu tempo. Bates, *slicit*, abona o mesmo tema.

Os instrumentos musicais mais comuns à época eram infalivelmente a flauta, violão, violino, “e uma pequena viola de quatro cordas chamada cavaquinho” (loc. cit., II 11). Grifos do autor. As danças de salão tornaram-se comuns até nos navios a vela e a vapor. Não desapareceram até hoje, e eu mesmo cansei de dançar a bordo de navios das linhas do rio Madeira, Purus e Negro e modernamente nos navios de recreio para as regiões próximas de Manaus. Nos vapores que faziam a linha Europa-Brasil-Manaus o comandante oferecia diversões desse feitio aos passageiros, a fim de quebrar a monotonia das longas viagens. Das danças antigas salientam-se a pavana, shotish, minueto, valsa, lundum, polca, “cavalgade”, desfeiteira, rapachão, que se diziam “de par”. E quadrilhas, danças de roda (Jacundá), “pau de fita” (“Tipiti”), “Serafina”, “Arara”, “dança do Diabo”, “gambá”, “Camaleão” e outras (vd. Do autor *Danças folclóricas singulares do Amazonas*, ilustrado com músicas e letras). A quadrilha de salão poderia ser de marcação inglesa, francesa (geralmente esta), mais de acordo com a influência gaulesa já registrada por nós. O terceiro tipo era a chamada “de roça”, com marcação brejeira e um casamento no meio para agradecer, todos vestidos à caipira. Esta novidade não passa, mesmo hoje, de crítica ao comportamento do homem rural, onde aparecem pessoas remendadas e de chapéus de palha roídos. Madame Agassiz dançou a quadrilha de salão, com marcação francesa, na lagoa Janauari, em baile oferecido pelo governador, à altura de 1865. As mais cotadas dessas quadrilhas eram os “Lanceiros” e “Imperiais Marinheiros”, esta ainda lembrada nos antigos Festivais Folclóricos do Amazonas, quando aquilo estava sob a orientação da Comissão Amazonense de Folclore. Hoje está desacreditado, miseravelmente destruído pela ignorância dos comissionados sob o péssimo patrocínio de uma Prefeitura ineficaz.

Das modinhas mais antigas que conhecemos e que emergem do XIX séculos, vale a pena citar principalmente os poemas que foram musicados, de Castro Alves, de Casemiro de Abreu, Guimarães Passos, Gomes de Amorim (português), Arthur e Emílio de Meneses; e mais recentemente, já no século XX, de Hermes Fontes que foi o mais procurado letrista de sua época. Hoje em dia essas modinhas jazem esquecidas, mas foi muito cantada a “Tapuia amazonense”, réplica de um gênero idêntico, da autoria do poeta português radicado na Amazônia, Gomes de Amorim. Possuo cópia manuscrita da primeira, datada do rio Purus, 1870, oferecida pela parenta Raimunda (Doca) Perdigão, falecida em Manaus, em idade bem avançada, otogenária. E também foi muito repetida nos salões familiares de Manaus a modinha “Laço de fita” sobre um poema de Castro Alves. Eu guardo nítidas recordações de valsas célebres do tipo “Vera”, “Dom da formosura” (de que tenho a partitura e a letra), “Fátima Miris” (partitura e letra), e outras. De origem estrangeira foram mais cotadas as valsas “Danúbio azul”, “Viúva alegre”, “Traviata”.



Fizeram furor a introdução nos salões do “fox-trote” e da “cavalgade”, esta principalmente, que era um tipo de valsa corrida, em que o cavalheiro “arrastava” a dama, dando passos de meia légua. Podemos assegurar que a dança mais popular, inclusive na zona rural, foi a valsa, cuja frásica era distiguída em “valsa lenta” e “valsa corrida”.